

EJA

em
debate

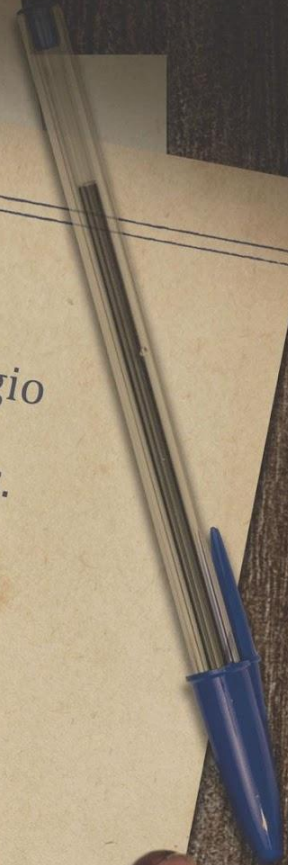


**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina



Palavra não é privilégio
de algumas pessoas,
mas o direito de todos.

Paulo Freire



Organização deste número

Ano 10, nº 17, Jan/Jun 2021
Ivelã Pereira – Editora-Gerente
Otávio Gobbo Junior – Editor

Revisão textual e gramatical

Fabricio Alexandre Gadotti – língua espanhola
Fernanda Ramos Machado – língua inglesa
Marco Marco Quirino Pessoa – resumos em língua portuguesa
Maurício Resende – língua portuguesa
Ivelã Pereira – língua portuguesa

Revisão final

Ivelã Pereira

Projeto gráfico

Glauco Borges

Editor de Layout

Luciano Adorno

Capa

Renan Racinoski

Catálogo na fonte pelo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

EJA em debate / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. - Ano 10, n. 17 (Jan-jun/2021) - . - Florianópolis: Publicação do IFSC, 2020.

143p. ; 29,7 cm.

Semestral
Inclui bibliografias
ISSN 2317-1839

1. Educação de jovens e adultos. 2. PROEJA. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. II. Título.

CDD 374

Elaborada por: Paula Oliveira Camargo – CRB 14/1375

Sumário

Editorial 05

Seção: Formação de professores

Projetos formativos em educação escolar de jovens e adultos: as pesquisas sobre ensino de biologia da área de avaliação educação da CAPES (1997-2019) **10**

Juvenilização da EJA: possibilidades e desafios na escolarização **31**

Seção: Políticas Públicas

Projetos formativos em educação escolar de jovens e adultos: as pesquisas sobre ensino de biologia da área de avaliação educação da CAPES (1997-2019) **49**

Educação de jovens e adultos: disputas e conflitos na construção de um direito social na cidade de belo horizonte **76**

A EJA na Amazônia brasileira: a produção intelectual na ANPED/norte **96**

Seção: Teorias e Práticas Pedagógicas

O estudo de grandezas e medidas num livro didático da EJA: reflexões acerca das práticas de numeramento **110**

Análise do ambiente e desenvolvimento do ensino e aprendizagem: perspectiva e resiliência às mudanças climáticas na educação de jovens e adultos (EJA) **128**

Editorial

“Passageiros da noite”: estudantes de EJA e seus itinerários domiciliares

“Suas histórias como trabalhadores e como alunos/as entrelaçam-se com seus deslocamentos.” (ARROYO, 2017, p. 23).

Desde que a pandemia da COVID-19 chegou ao Brasil, a partir de março de 2020, procuramos deixar registrado este acontecimento histórico nos editoriais da “Revista EJA em Debate”, trazendo alguns detalhamentos sobre os caminhos que tivemos de traçar em cada um dos semestres de 2020 e (agora) de 2021. Fizemos isso não somente porque acreditamos numa educação histórica e socialmente situada, mas também porque, como educadores de EJA, pudemos sentir os significativos impactos que a pandemia propiciou a nós, docentes, e, sobretudo, aos discentes de EJA que nos foram confiados.

Nesse sentido, antes de apresentarmos os artigos que compõem este número da revista, os quais trazem contribuições preciosas para a Educação de Jovens e Adultos, frutos de pesquisas anteriores ao período de pandemia que (ainda) estamos vivendo, pretendemos traçar algumas reflexões acerca deste momento histórico e de sua relação com a EJA.

Esta edição de número 17, respectiva ao primeiro semestre de 2021, está sendo lançada em um momento de transição no contexto pandêmico em que estamos inseridos, uma vez que – finalmente, após inúmeros percalços – tivemos um avanço considerável na vacinação no Brasil, alcançando, inclusive, os sujeitos mais jovens, com a primeira e a segunda dose da vacina. A partir disso, as instituições educativas têm articulado um retorno gradual das aulas presenciais, de maneira que a comunidade escolar possa voltar em segurança para as salas de aula.

Mas, antes de o retorno para uma educação integralmente presencial acontecer, precisamos refletir sobre as consequências com as quais tivemos/temos de lidar, devido ao período que nos defrontamos com uma educação ocorrida no recôndito de nossos lares, de modo “remoto”.

Para traçarmos esta reflexão, trazemos a imagem dos “passageiros da noite”, prefigurada por Arroyo (2017):

Há uma imagem chocante nas nossas cidades: final de tarde, filas de adolescentes, jovens e adultos à espera de ônibus para deslocarem-se do trabalho para os centros de EJA. Imagem ainda mais forte entrada a noite: filas desses mesmos adultos, jovens, adolescentes esperando os ônibus desses centros para os bairros, favelas, vilas. Deslocamentos noturnos do trabalho à EJA, e desta para a moradia distante. Que sentidos humanos, humanizantes-desumanizantes vivenciam nesses deslocamentos que poderão durar alguns semestres e anos até completarem o percurso dos requisitos exigidos para a conclusão dos ensinos Fundamental e Médio? Poderíamos vê-los como “passageiros da noite”? Será assim que eles e elas se pensam? Dada a dureza desses trajetos vividos por anos pelos educandos/as e pelos docentes-educadores/as, somos obrigados a reconhecer esses trajetos como uma experiência social geradora de estudos nos currículos de formação inicial e continuada dos docentes-educadores/as e nos currículos de formação dos educandos. (ARROYO, 2017, p. 21-22).

Como desvela a descrição de Arroyo (2017), os discentes de EJA são sujeitos que se deslocam à noite. Em sua maioria, o itinerário pré-pandêmico desses sujeitos consistia em sair do trabalho e ir para os centros de EJA, esperando em pontos de ônibus, pegando lotações tarde da noite na volta para casa. O autor propõe nesta passagem uma reflexão sobre os itinerários dos discentes de EJA, sugerindo aos educadores que pensem sobre esses trajetos e deslocamentos como componentes muito presentes nas histórias de vida desses sujeitos. Existe uma responsabilidade nossa, enquanto educadores de EJA, de reconhecer essas trajetórias, levando em conta sempre o questionamento: “ao menos na EJA serão reconhecidos conhecedores, familiarizados como passageiros de múltiplos deslocamentos?”. (ARROYO, 2017, p. 27).

Tal reflexão proposta pelo pesquisador já era suficientemente significativa antes de março de 2020, mas passa a ser agudizada no momento em que os discentes tiveram de mudar seu itinerário. Eles passaram a se deslocar do trabalho (pois muitos não tiveram o “privilégio” de fazer *home office*) para estudar em seus próprios domicílios.

E é neste período que os alunos tiveram de reestruturar seu itinerário – para estudar em seus domicílios – que os processos desumanizantes, resultantes da injustiça social, também foram ressignificados. Ao contrário do que se poderia pensar, a educação em seus lares (de modo remoto) para este público não dirimiu suas dificuldades; se, por um lado, esses sujeitos passaram a chegar mais cedo em casa, não necessitando pegar lotações noturnas, por outro lado, depararam-se com poucos recursos para estudo em casa.

Como educadores de EJA, pudemos notar, nesta trajetória pandêmica, as dificuldades encontradas pelos discentes, haja vista que muitos não dispunham de computador em casa, utilizando-se de seus celulares para assistir às aulas assíncronas e síncronas, o que lhes impossibilitava de fazer certas tarefas. Para diminuir as dificuldades, os educadores tiveram de lançar mão de outros recursos tecnológicos, como aplicativos de mensagens, para auxiliar os alunos. Para além disso, muitos discentes de EJA tiveram de lidar com o fato de estarem em seus domicílios onde residem outras pessoas, nem sempre havendo espaço adequado para se concentrar nos estudos, lidando com a presença dos filhos em busca de atenção e outros empecilhos que esperamos que pesquisas em EJA possam mapear com mais detalhes.

Percebemos, desse modo, que os discentes mudaram seu itinerário, deixando de serem “passageiros da noite”, para serem “estudantes a domicílio”, mas isso não os livrou do peso de processos desumanizantes, revelando ainda mais a injustiça social à qual esses sujeitos estão constantemente subjugados. O resultado dessas dificuldades foi uma evasão escolar intensificada, não obstante os esforços imensos dos educadores para tentar amenizar tais impasses.

Em consideração a este tempo de dificuldades que tivemos de passar, procuramos trazer a imagem dos “passageiros da noite” ressignificada, do estudante a domicílio no período noturno, na capa desta edição, representada por um sujeito trabalhador, com as mãos calejadas sobre o papel, num ambiente escuro, dispendo de uma caneta simples e de um celular velho, com tela quebrada. Temos consciência de que tal imagem não representa toda a pluralidade de perfis discentes presentes na EJA, mas se trata de um retrato (dentre os vários que poderíamos trazer), de alguns lares de alunos da EJA no período pandêmico, em contexto de educação remota.

E é nesse ponto que as perguntas angustiantes de Arroyo (2017) novamente fazem seu papel de reflexionar sobre a indissociabilidade da Educação de Jovens e Adultos com os processos desumanizantes, de injustiça social. Cabe a nós, educadores de EJA, constantemente nos perguntarmos: “De que processos, percursos humanos-in-humanos [nossos discentes] chegam?” (ARROYO, 2017, p. 23), e a pandemia consta, agora, como mais um desses percursos...

Finalizamos esta ponderação trazendo um fragmento de Arroyo (2017) que converge com a perspectiva freiriana de educação (cf. FREIRE, 1996), propondo a autonomia dos seres educandos:

A função primeira de um currículo de formação dos docentes-educadores será que entendam a radicalidade desses percursos humanos, para ajudar esses adolescentes, jovens-adultos a entenderem-se protagonistas desses percursos

sociais, escolares. Que encontrem sentido em tentar mais uma viagem escolar, social. (ARROYO, 2017, p. 27).

Pautados numa visão da Educação de Jovens e Adultos que prioriza o discente como protagonista de seus percursos sociais e escolares, esta edição da revista apresenta sete textos que trazem contribuições bastante relevantes aos educadores de EJA, perpassando as temáticas de formação de professores, políticas públicas e teorias e práticas pedagógicas.

Na seção de “Formação de professores”, contamos com o artigo “Projetos formativos em educação escolar de jovens e adultos: as pesquisas sobre ensino de biologia da área de avaliação educação da CAPES (1997-2019)”, dos autores Júlia Beatriz Mendes de Assunção, Lucas Martins de Avelar, Rones de Deus Paranhos, os quais sinalizam a urgência do fortalecimento dos debates político-pedagógicos nos cursos de formação inicial e continuada de professores, para que tais docentes possam analisar criticamente sua atividade pedagógica e compreender os projetos formativos nela imbricados. Também apresentamos o texto “Juvenilização da EJA: possibilidades e desafios na escolarização”, de Kerén Talita Silva Miron Chris Royes Schardosim, o qual aponta que tem havido um aumento de grupos cada vez mais jovem dentro da modalidade de EJA, que tinha como característica principal a presença predominante de adultos, e tal transformação requer uma nova configuração da modalidade, a fim de possibilitar a oferta de uma educação de qualidade aos participantes dessa modalidade.

Já a seção de “Políticas Públicas” é iniciada pelo artigo “Educação de jovens e adultos: disputas e conflitos na construção de um direito social na cidade de Belo Horizonte”, de Clifton Gomes Fernandes e Francisco André Silva Martins Martins, que faz importantes levantamentos analíticos ao apresentar os resultados de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi analisar as Políticas Públicas empreendidas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no município de Belo Horizonte – MG, compreendendo o período de 2009 a 2016. Na sequência, trazemos o texto “Escola, educação básica e analfabetismo estrutural no Brasil: a negação da escola aos trabalhadores”, de José Ronaldo Silva dos Santos, Tenório Batista Lima Sobrinho, os quais têm como objetivo discutir a trajetória e a construção histórica do analfabetismo no Brasil, com vistas a debater sobre os programas e políticas de EJA e, para tanto, utilizam como metodologia o levantamento bibliográfico e documental, com base nos principais indicadores socioeducacionais do país. Por fim, em “A EJA na Amazônia brasileira: a produção intelectual na ANPED/norte”, as autoras Adriana Francisca de Medeiros e Silvane dos Santos Pereira fazem um mapeamento da produção intelectual sobre Educação de Jovens e Adultos nos eventos da Associação

Nacional de Pós-graduação – ANPED/Norte, utilizando-se de uma abordagem qualitativa e documental.

Fechando esta edição da revista, a seção de “Teoria e práticas pedagógicas” traz o artigo “O estudo de grandezas e medidas num livro didático da EJA: reflexões acerca das práticas de numeramento”, de Carlesom dos Santos Piano e Narciso das Neves Soares, no qual os autores constatam haver uma forte tendência na apresentação de questões numéricas com foco voltado ao estudo de medidas, fazendo-se pouca relação ao estudo de grandezas, além de haver uma defasagem no que diz respeito à linguagem e às práticas voltadas ao público da EJA. Ao fim, o artigo “Análise do ambiente e desenvolvimento do ensino e aprendizagem: perspectiva e resiliência às mudanças climáticas na educação de jovens e adultos (EJA)”, de Adriano Ineia, Priscila de Campos Velho, Thais Emilia Reder e Rodrigo Spinelli, analisa a aprendizagem na educação de mudanças climáticas (EMC) por meio de projetos que buscam soluções considerando a realidade dos alunos de EJA, demonstrando se tratar de uma excelente abordagem pedagógica no ensino desse tema complexo e relativamente novo a esse público.

Com estas seleções de artigos, ainda em nossos itinerários domiciliares, desejamos, a todos os nossos leitores, profundas reflexões!

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

IVELÃ PEREIRA

Editora-chefe

Doutora em Linguística e professora em EJA-EPT (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa, Catarina, câmpus Chapecó)

E-mail: ivela.pereira@ifsc.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7840-0678>